

A ECONOMIA DO TURISMO NO BRASIL A PARTIR DE UMA PERSPECTIVA DOS EMPREGOS FORMAIS

Rúbia Silene Alegre Ferreira¹
Marklea da Cunha Ferst²
Eriverton Resende Monte³

Resumo

Sabendo-se da importância econômica do turismo para os países, a presente pesquisa teve como objetivo principal apresentar um panorama das ocupações formais na economia do turismo para o período de 2016 a 2020. Para estabelecer resposta ao objetivo proposto, utiliza-se a fonte de dados processados no Anuário Estatístico de Turismo, do Ministério do Turismo. São informações referentes ao período de 2016 a 2020, considerando as ocupações formais na economia do turismo do Brasil, por atividade característica do turismo (ACT); ocupações formais na economia do turismo do Brasil por escolaridade, grupo de idade, horas trabalhadas e remuneração e ocupações formais na economia do turismo segundo Grandes Regiões e Unidades da Federação. Os resultados indicam que na segmentação turística importa o nível de qualificação/instrução, pois as maiores oportunidades formais no período estudado residiam na escolaridade com ensino médio completo e superior incompleto. Identificou-se ainda que acima dos cinquenta anos de idade, reduzem-se os níveis de oferta de trabalho neste setor, quando comparado às idades mais jovens. As ocupações que remuneram até dois salários mínimos concentram um arsenal de trabalhadores com relação inversa: maiores salários implicam em menos trabalhadores. Por atividade, os subsetores de alimentação e alojamento são os que ofertam as maiores quantidades de oportunidades, seguidos dos transportes terrestres. Mostram ainda que a atividade turística incrementa peso relativo, pois, nas cinco macrorregiões identificou-se esta premissa, uma vez que na região Norte, o Pará é líder nas ocupações formais, seguido pelo Amazonas e Rondônia, com os demais nas últimas posições. No Nordeste, Bahia, Pernambuco e Ceará possuem a liderança, seguidos dos demais. O Sudeste do País, tem São Paulo como líder, mantendo distância em números significativos, com Rio de Janeiro e Minas Gerais em sequência. Na região Sul, Paraná e Rio Grande do Sul possuem as maiores quantidades de ocupações, sendo acompanhados com escalas menores, pelo Espírito Santo. No Centro-Oeste, Goiás possui a liderança, ligeiramente acompanhado por Brasília e os dois últimos estados. Conclui-se que a dinâmica econômica advinda do turismo, se acompanhada de ações efetivas para o equilíbrio e crescimento deste setor, resultará em ciclos virtuosos na economia.

Palavras-chave: Ocupações formais; Turismo; Economia; Brasil.

INTRODUÇÃO

De acordo com a Organização Mundial do Turismo (OMT), o Turismo compreende as atividades que as pessoas realizam durante suas viagens e estadias em lugares diferentes ao seu entorno habitual, por um período consecutivo inferior a um ano, com finalidade de lazer, negócios ou outras”, (SILVINO & FURTADO 2017; CRUZ, 2007). O crescimento da atividade

¹ Doutora em Economia pela Universidade Católica de Brasília (UCB). Docente na Universidade do Amazonas (UEA). E-mail: rubia.alegre.ferreira@gmail.com

² Doutora em Turismo e Hotelaria pela Universidade do Vale do Itajaí-Univali. Docente na Universidade do Amazonas (UEA). E-mail: mcferst@gmail.com

³ Doutor em Direito Constitucional pela Universidade de Fortaleza – Unifor. Docente no Centro Universitário do Norte. E-mail: eriverton.monte@gmail.com

turística se associa com as transformações que aconteceram no mundo a partir da segunda metade do século XX, com o surgimento de novos valores e hábitos. Muitos fatores contribuíram para essa expansão, como é o caso dos avanços na área da tecnologia, nos meios de transporte e de comunicação, a diminuição da carga horária de trabalho e o aumento do tempo para o lazer e a distração, (SILVINO & FURTADO 2017).

Por ser uma atividade econômica, o turismo possibilita formas de implicações nas localidades que valem a pena serem apreciadas e planejadas para que essa ação caminhe junto com a elevação das oportunidades econômicas. Assim, esta pesquisa teve como objetivo apresentar um panorama das ocupações formais na economia do turismo para o período de 2016 a 2020, levando-se em consideração as informações específicas a respeito das ocupações formais na economia do turismo do Brasil, por atividade característica do turismo (ACT); ocupações formais na economia do turismo do Brasil por escolaridade, grupo de idade, horas trabalhadas e remuneração e ocupações formais na economia do turismo segundo Grandes Regiões e Unidades da Federação.

O problema estabelecido na pesquisa consistiu em responder à seguinte pergunta: qual é o panorama tido relativo às ocupações formais na economia do turismo no Brasil, no período 2016 a 2020?

Para estabelecer resposta ao objetivo proposto, utiliza-se a fonte de dados processados no Anuário Estatístico de Turismo, do Ministério do Turismo no referido período. O trabalho possui a seguinte estrutura, além desta introdução. Na seção fundamentação teórica, faz ligeira discussão relacionada à temática. Nos procedimentos metodológicos, faz a demonstração de uso dos dados e de sua origem. Em seguida faz a discussão dos resultados seguindo-se para as considerações finais.

REFERENCIAL TEÓRICO

A Organização Mundial de Turismo define turistas como aqueles que viajam e permanecem fora dos seus domicílios por período não superior a um ano de duração. Outras definições afirmam que o turista deve ficar mais de vinte e quatro horas no lugar que visita, para ser assim considerado. Em termos econômicos e partindo dessas definições, o turismo é visto como a atividade que implica em gastos de quem está fora de casa por no mínimo vinte e quatro horas e no máximo um ano, envolvendo economicamente diferentes atividades nas áreas de transporte, alimentação, hospedagem e lazer. Implica, por isso, grande interface entre vários setores da economia, sendo importante entender bem a articulação entre eles, tanto no que se

refere à sua complementaridade, quanto aos impactos econômicos que seu desenvolvimento provoca, na análise de Takasago et al (2011).

O turismo vem adquirindo um lugar relevante nas reflexões e produções científicas. A sociologia, geografia, administração, economia, comunicação, dentre outras áreas, têm se preocupado com as questões relacionadas ao turismo e seus impactos nas localidades, regiões e países. Assim mesmo, o turismo tem assumido centralidade nas agendas contemporâneas, não somente no âmbito acadêmico, mas também no âmbito governamental e empresarial, (BRASILEIRO, 2012).

O crescimento do turismo em importância econômica, no mundo, é fato amplamente alardeado pela mídia, assim como por diversos setores da sociedade, entre os quais o Estado. O turismo, todavia, é muito mais simplesmente, que uma atividade econômica. Prática social e produtora de espaço, o turismo constitui fenômeno ainda pouco estudado se considerarmos suas dimensões política, geopolítica, cultural e territorial, (PETROCCHI, 1998) .

Pode-se identificar as principais contribuições do turismo, pelo menos em três dimensões, conforme Cooper et al (1993) o turismo contemporâneo é um grande consumidor da natureza e sua evolução, nas últimas décadas, ocorreu como consequência da “busca do verde” e da “fuga” dos tumultos dos grandes conglomerados urbanos e pelas pessoas que tentam recuperar o equilíbrio psicofísico em contato com os ambientes naturais durante seu tempo de lazer (RUSCHMANN, 2005).

E em se falando a respeito de ambientes naturais, tradicionalmente os recursos naturais baseados em água, sejam litorais ou lagos, têm sido os mais importantes recursos turísticos e ainda o são, mas com o aumento na quantidade de férias que as pessoas desfrutam, o campo e as paisagens pitorescas têm tido maior utilização. Entretanto, as amenidades naturais não estão apenas limitadas à paisagem, mas incluem também, por exemplo, o clima (que é responsável pelos fluxos dominantes de turistas vindos do Norte para o Sul, à procura do sol), a vegetação, as florestas e a vida selvagem, (COOPER et al 1993).

Em quase todas as destinações turísticas tem-se constatado a falta de “cultura turística” das pessoas que viajam, o que faz com que se comportem de forma alienada em relação ao meio que visitam – acreditando não terem nenhuma responsabilidade na preservação da natureza e na originalidade das destinações. Entendem que seu tempo livre é “sagrado”, que tem direito do uso daquilo pelo que pagaram e, permanecendo pouco tempo (individualmente), julgam-no insuficiente para serem responsabilizados pelas agressões do meio ambiente, (RUSCHMANN, 2005).

Na tabela 1 nota-se o que é apontado por NELSON E PEREIRA (2004), a respeito de turismo sustentável.

Tabela 1: Abordagens, critérios e ferramentas para o turismo sustentável

<i>Abordagens</i>	<i>Crítérios</i>	<i>Ferramentas</i>
<i>Ambientais</i>	Prevenção de danos irreversíveis como: - Dano ou desfiguração da paisagem; - Injúria ao habitat ou perda de biodiversidade; - Uso de produtos tóxicos.	- Aplicação de estudos de carga e impacto ambiental; reciclagem de edifícios ou áreas degradadas; - Controle de acesso a áreas vulneráveis; - Uso de produtos biodegradáveis; - Uso de energia alternativa - Incentivos para a reciclagem.
<i>Socioculturais</i>	Melhoramento da qualidade de vida - Envolvimento comunitário; - Equidade de salário; - Facilidades sociais; - Usos e costumes locais	- Campanhas educativas - Programas de habilitação profissional; - Assistência médica, familiar, férias, etc. - Campanhas educacionais e promoção cultural.
<i>Econômicas</i>	Melhoramento econômico: - Quem são os investidores em turismo; - Infraestrutura que beneficie a comunidade; - Venda e compra de produtos locais e regionais; - Inflação	- Formação e incentivos a investidores locais; - Construção com o residente em mente, o usuário principal; - Incentivos para produtores locais - Programas que mantêm preços ao alcance do residente local.

Fonte: Nelson e Pereira (2004)

O turismo depende da população, em todos os aspectos, para a imprescindível hospitalidade e os investimentos necessários. Assim, o planejamento do turismo, deve passar por um programa de conscientização da população para a importância dessa atividade, os empresários do turismo devem se engajar nas discussões políticas do seu município, e os estudantes e os sindicatos devem ser esclarecidos sobre o turismo e o mercado do trabalho. Há oportunidade de transformar o turismo em uma atividade econômica poderosa e geradora de empregos no Brasil. Tudo depende de uma mudança cultural: a população enxergar e exigir providencias concretas e corretas em prol do turismo (PETROCCHI, 1998).

Como relevante impacto da economia no turismo, por exemplo, tem-se que é possível aumentar a renda dos mais pobres, no Brasil, mas isso não ocorre em qualquer circunstância. Depende de como os aumentos da demanda são obtidos. Mais particularmente, só aumenta a renda dos mais pobres quando a arrecadação e, conseqüentemente os gastos do governo não caem, ou quando os ganhos ou perdas de arrecadação proveniente do aumento da demanda turística são transferidos no sentido de beneficiar as classes de renda mais baixas, conforme Takasago e Mollo (2008), Takasago et al (2011).

Além dos benefícios econômicos, a atividade turística pode contribuir para a melhoria da distribuição de renda entre as diferentes regiões, uma vez que a infraestrutura montada nas

regiões pobres permite que elas recebam os turistas das regiões mais desenvolvidas e com maior renda, fazendo com que ocorra migração de renda para aquelas áreas (CASIMIRO FILHO, 2002).

Dentre outros aspectos, o turismo é compreendido como uma atividade que pode ser utilizada como estratégia para o desenvolvimento local e regional. Os atrativos turísticos podem conquistar pessoas de outras regiões para consumir serviços e produtos oferecidos pelos moradores locais. A partir dessa consumação, novos empregos e renda são gerados. Além disso, a partir das atividades turísticas oferecidas, outros setores da economia são impactados pelos gastos que o turista realiza na localidade. Dessa forma, o local ou a região recebe recursos econômicos, oriundos de outras regiões, (BERNARDO e FARINHA, 2019).

No entanto, apesar de reconhecer que a atividade turística exerce grande importância sobre a economia, de determinado País ou região, funcionando como atividade propulsora do desenvolvimento econômico, no caso brasileiro, ainda não há estimativas específicas para o segmento do turismo. No Brasil existem poucos estudos que quantificam, com maior rigor, os impactos desse segmento na economia, de acordo com Casimiro Filho, (2002).

O Brasil é um país diverso e com incontáveis fontes de riquezas naturais. Assim, é impossível imaginar hoje um Turismo dissociado da natureza, uma vez que esta sempre foi o ponto de interesse e de comercialização em termos de imagem, independentemente do local a ser visitado, (VIANA et al, 2017):

- Nas regiões frias comercializa-se a neve, os passeios pelas estações de esqui;
- Nas regiões serranas, a paisagem e a temperatura amena;
- Nas regiões áridas, as trilhas pelo sertão, as escaladas pelas rochas;
- Nas regiões litorâneas, as belas praias, as paisagens, a brisa marinha e a culinária.
- Assim também era no período que foi do século XVI até meados do século XIX, quando as viagens eram feitas por indicação médica para locais em que o paciente tivesse contato com a natureza, banhos de mar, ar puro das montanhas etc.

Casimiro Filho, 2002, discute que a geração de novos empregos em uma economia é de grande importância, pois, aumentando o número de pessoas ocupadas, além de contribuir para uma melhoria na qualidade de vida dessas famílias, via aumento da renda das mesmas proveniente dos salários (parte dessa renda será consumida), cria-se, também, a possibilidade de gerar outros novos empregos em setores que são responsáveis pela produção dos bens de consumo das famílias.

Numa época em que a competitividade é acirrada, as localidades turísticas que desejem se manter ativas devem buscar a renovação de seus atrativos e seu rejuvenescimento. É desse processo que surgem as variações do Turismo: Turismo de negócios; de eventos; de saúde; de lazer; de compras; de aventura; ecológico, entre tantos outros, (VIANA et al 2017).

METODOLOGIA

A pesquisa em mãos é de natureza qualitativa e quantitativa. A pesquisa qualitativa é uma designação que abriga correntes de pesquisa muito diferentes. A abordagem qualitativa parte do fundamento de que há uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito, uma interdependência viva entre o sujeito e o objeto, um vínculo indissociável entre o mundo objetivo e a subjetividade do sujeito. O conhecimento não se reduz a um rol de dados isolados, conectados por uma teoria explicativa; o sujeito-observador é parte integrante do processo de conhecimento e interpreta os fenômenos, atribuindo-lhes um significado, (CHIZZOTTI, 2006).

Segundo Rocha (2003), a questão qualitativa nas pesquisas está ligada à análise dos sentidos que vão gradativamente ganhando consistência nas práticas. O sentido é a virtualidade que pulsa nas ações, é processualização da vida e atravessa o significado, uma vez que está na ordem das intensidades. Desse modo, o desafio dos pesquisadores é ir além do reconhecimento das representações estabelecidas na comunidade investigada, dos consensos que dão forma e apresentam a vida como uma estrutura definida nos seus valores, produções e expectativas. O qualitativo refere-se, então, à possibilidade de recuperar as histórias dos movimentos dessa comunidade, sendo percebido nos conflitos, nas divergências, nas ações que fazem diferença, que facultam a produção de sentidos outros, frente ao hegemônico, para um futuro indeterminado. Isso implica escapar ao crivo que serve para diagnosticar os desvios na funcionalidade cotidiana das organizações sociais, afirmando a diferença como um modo de ser possível nas relações do coletivo.

A variável quantitativa é determinada em relação aos dados ou a proporção numérica, mas a atribuição numérica não deve ser feita ao acaso, porque a variação de uma propriedade não é quantificada cientificamente, para Fachin, (2006). Quantidade representa tudo aquilo que pode ser medido, o mensurável. O perfil deste tipo de pesquisa é altamente descritivo, o investigador, sempre obter o maior grau de correção possível em seus dados, assegurando, assim, a confiabilidade de seu trabalho.

Descrição rigorosa das informações obtidas é condição vital para uma pesquisa que se pretenda quantitativa para Mezzaroba e Monteiro, (2009). Os dados quantitativos permitirão

mensurar os resultados, buscando correlações entre variáveis que permitam observar como fatos ou percepções podem influenciar nas decisões e na sustentabilidade destas áreas.

Para Kirschbaum (2013), estudos *quanti* completados por estudos *quali* podem fornecer maior potencial de interpretação dos fenômenos, principalmente ao agregar a percepção dos indivíduos no desenho de pesquisa. Neste caso, o início deve ser por meio de informações em fontes confiáveis que possibilitem o esclarecimento a respeito do fenômeno que está em processo de investigação, seguindo-se para a questão de ação na pesquisa, onde se procede as ferramentas que coletarão os resultados para interpretação do fenômeno. Além das perguntas fechadas serão aplicadas perguntas abertas nos formulários e entrevistas com roteiros semiestruturados que permitirão perceber outras nuances na temática em questão.

Os dados

Para prover resposta ao que se propôs na presente pesquisa, utiliza-se a fonte de dados processados no Anuário Estatístico de Turismo, do Ministério do Turismo. São informações referentes ao período de 2016 a 2020, considerando as ocupações formais na economia do turismo do Brasil, por atividade característica do turismo (ACT); ocupações formais na economia do turismo do Brasil por escolaridade, grupo de idade, horas trabalhadas e remuneração e ocupações formais na economia do turismo segundo Grandes Regiões e Unidades da Federação.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Ocupações por atividades características do turismo

Nesta seção cuida-se de discutir os resultados obtidos na pesquisa referentes à evolução dos empregos formais na economia do turismo. Os dados da RAIS enfatizam os subsetores de alojamento, alimentação, transporte terrestre, transporte aquaviário, transporte aéreo, aluguel de transporte, agências de viagem e cultura e lazer, no período de 2016 a 2020. Nota-se no quadro 1, que as atividades relacionadas à alimentação apresentam crescimento positivo do primeiro ao penúltimo ano, sendo reduzido no ano de 2020, impactado pela Covid-19.

Quadro 1: Ocupações formais na economia do turismo do Brasil, por atividade característica do turismo (ACT), segundo os anos - 2016-2020

Atividades características do turismo	Ocupações formais				
	2016	2017	2018	2019	2020
Economia do Turismo	2.070.826	2.059.788	2.065.979	2.104.292	1.693.074

Alojamento	337.415	330.724	333.366	336.663	271.902
Alimentação	1.262.739	1.275.858	1.291.134	1.314.836	1.051.147
Transporte terrestre	216.357	197.830	199.661	192.971	165.576
Transporte aquaviário	7.803	8.148	8.433	8.174	7.452
Transporte aéreo	61.498	60.579	59.114	63.657	46.389
Aluguel de transporte	52.109	56.123	46.287	59.159	54.376
Agências de viagem	66.216	66.741	66.758	67.728	46.600
Cultura e lazer	66.689	63.785	61.226	61.104	49.632

Fonte: Relação Anual de Informações Sociais - RAIS

O alojamento é uma atividade turística que embora mostre ligeiras oscilações no período, tem recuperação sistemática no período seguinte, também tendendo a reduções para o período de 2020. Em relação aos transportes terrestre, aquaviário e aéreo, o transporte terrestre consegue gerar diversas ocupações no mercado turístico, sendo seguido pelo aéreo. O aquaviário embora empregando um quantitativo menor de pessoas, também desempenha significativo papel. As atividades relacionadas a agências de viagem e cultura e lazer, apresentaram relativo desempenho nos empregos formais, assim como o aluguel de transporte. Não obstante, todas as atividades sofrem redução em 2020, dado aos impactos advindos da crise na saúde.

Ocupações formais por escolaridade, grupo de idade, horas trabalhadas e remuneração

No quadro 2, discute-se a respeito dos empregos formais na economia do turismo do Brasil por escolaridade, grupo de idade, horas trabalhadas e remuneração, segundo os anos, para o período de 2016-2020. Assim, tem-se as escolaridades dos empregados formalmente nos quesitos até o 5º ano; 6º ao 9º ano; ensino médio e superior incompleto e superior completo. Nota-se que as menores instruções, tendem a empregar-se em níveis menores à medida que o tempo avança (até o 5º, 6º e 9º ano).

Brasileiro (2012), discute que educação é formação. A educação aqui merece destaque. Não apenas de forma instrumental, limitada aos cursos de capacitação para o trabalho numa determinada função da atividade turística, principalmente no período da alta estação. O sentido de educação aqui empregado está associado aos valores do ser humano, que relaciona saberes, formas de pensar, sentir e agir do lugar, situado num contexto regional, nacional e mundial. Educação é formação. Neste contexto, a educação tem papel preponderante ao apreender que o desenvolvimento e o turismo têm por objetivo o desenvolvimento humano, ao mesmo tempo em que é uma ferramenta da população num processo de transformação social, (Brasileiro, 2012). Conforme Viana et al (2017), a relação entre Educação e Turismo é o mote para o

desenvolvimento de uma prática sustentável e preocupada com os impactos sociais, ambientais e culturais inerentes a qualquer atividade econômica.

Os grupos etários tidos nestes empregos, compreendem até 24 anos, 25 a 49 anos e 50 anos ou mais. Percebe-se que o grupo etário de 25 a 49 anos agrega um volume significativo de empregos formais nas atividades do turismo. O grupo etário de até 24 anos ocupa a segunda posição nas ocupações destes empregos, seguidos das pessoas acima de 50 anos.

Quadro 2: Ocupações formais na economia do turismo do Brasil por escolaridade, grupo de idade, horas trabalhadas e remuneração, segundo os anos - 2016-2020

Atividades características do turismo	Ocupações formais				
	2016	2017	2018	2019	2020
Atributo					
Escolaridade					
Até 5º ano	92.880	87.630	82.922	81.561	64.630
6º a 9º ano	403.616	372.888	345.800	324.196	250.229
Ensino médio e superior incompleto	1.447.049	1.466.984	1.496.468	1.569.102	1.275.486
Superior completo	127.281	132.286	140.789	129.433	102.729
Idade					
Até 24 anos	441.406	438.947	443.739	459.012	335.640
25 a 49 anos	1.347.265	1.337.280	1.336.187	1.350.318	1.098.94
50 anos ou mais	282.148	283.558	286.052	294.959	258.493
Horas trabalhadas por semana					
Até 20 horas	35.827	34.818	38.594	37.169	66.203
21 a 40 horas	176.939	183.038	197.498	220.026	200.362
41 horas ou mais	1.858.060	1.841.932	1.829.887	1.822.101	1.405.974
Remuneração em Salários Mínimos (SMs)					
Ate 2 SMs	1.490.295	1.475.730	1.460.494	1.419.691	1.128.244
2,01 a 3,0 SMs	300.664	304.247	316.523	292.837	188.861
3,01 a 5,0 SMs	128.045	134.020	140.752	130.506	79.603
5,01 SMs ou mais	66.200	65.899	69.241	64.626	43.506

Fonte: Relação Anual de Informações Sociais - RAIS

As horas trabalhadas separadas em três grupos: até 20 horas, de 21 a 40 horas e 41 horas ou mais. Nas apreciações a respeito das horas trabalhadas por semanas, percebe-se que as ocupações com menores horas de trabalho por semana são menores, e as ocupações com mais horas trabalhadas no turismo são gradativamente maiores, sobretudo as que exigem mais de horas semanais. E nesse quesito, um fato relevante de se destacar é que no ano de 2020 as ocupações com até 20 horas semanais sofrem uma elevação de 44%. Ou seja, na pandemia do Covid-19, as oportunidades nestas ocupações se ampliaram, enquanto que nas duas outras categorias, ocorreram reduções.

O turismo é apontado como um segmento que gera muitos empregos, absorvendo mão de obra especializada e, supostamente, que graças a isso seria bem remunerada. Segundo a

Organização Mundial do Turismo (OMT), o setor turístico é a segunda maior atividade econômica do mundo em geração de divisas e empregos, atrás apenas da indústria do petróleo e derivados (OLIVEIRA, 2020; BURSZTYN et al, 2009).

Assim, por meio dos dados verifica-se que as maiores quantidades são ocupadas por pessoas que recebem até dois salários mínimos e que à medida que as remunerações aumentam ocorrem relativas reduções das ocupações neste segmento. Os empregos que pagam cinco salários ou mais, são relativamente menores. Fato muito próximo das demais segmentações pois quanto maior for a qualificação, maiores as chances de maior renda,

Ocupações segundo Grandes Regiões e Unidades da Federação

O Turismo é, segundo a Organização Mundial do Turismo – OMT –, definido como as atividades que as pessoas realizam durante suas viagens e permanências em lugares distintos dos que vivem, por um período de tempo inferior a um ano consecutivo, com fins de lazer, negócios e outros. Sendo uma atividade de lazer de cunho essencialmente econômico, o Turismo se apoia inicialmente em três pilares para que possa acontecer efetivamente e assumir seu formato comercial: os recursos turísticos, a infraestrutura e, por fim, o atrativo turístico em si, (Viana et al 2017).

Considerando-se a diversidade turística tida nos estados brasileiros, tem-se no quadro 3 o nível de ocupações formais por unidade de federação. Percebe-se em primeiro lugar, que no Brasil, do ano 2016 a 2019 há um crescimento progressivo no total, com decréscimo de 411.218 postos de trabalho no ano de 2020, neste segmento da economia.

Na região Norte, percebe-se por meio dos dados que o estado do Pará é o que apresenta as maiores quantidades de ocupações, seguido do Amazonas e na terceira posição, tem-se Roraima. Os dois primeiros, são os mais populosos na região. Roraima, Acre e Amapá, os que concentram um quantitativo menor.

Quadro 3: Ocupações formais na economia do turismo segundo Grandes Regiões e Unidades da Federação - 2016-2020

Grandes Regiões e Unidades da Federação	Ocupações formais				
	2016	2017	2018	2019	2020
Brasil	2.070.826	2.059.788	2.065.979	2.104.292	1.693.074
Norte	79.896	79.108	78.662	77.643	68.650
Acre	3.423	3.407	3.396	2.981	2.473
Amapá	3.343	3.124	3.450	2.844	2.297
Amazonas	18.284	18.117	18.399	19.155	16.800
Pará	31.049	30.784	29.447	29.050	27.198
Rondônia	11.741	11.795	11.899	11.476	9.404
Roraima	3.603	3.564	3.731	3.483	3.094

Tocantins	8.453	8.317	8.340	8.654	7.384
Nordeste	367.286	358.240	361.987	361.287	296.741
Alagoas	23.175	23.601	24.768	24.688	22.039
Bahia	114.391	108.036	107.800	106.273	85.096
Ceará	60.359	58.341	60.561	60.863	49.716
Maranhão	20.038	19.707	20.148	19.569	16.768
Paraíba	19.597	19.530	20.405	20.630	17.547
Pernambuco	70.095	19.530	69.337	69.429	56.527
Piauí	15.534	16.407	16.488	17.097	13.761
Rio Grande do Norte	29.020	27.653	27.206	26.924	22.084
Sergipe	15.077	15.228	15.274	15.814	13.203
Sudeste	1.122.190	1.115.183	1.110.373	1.143.719	909.569
Espírito Santo	36.746	36.438	36.798	38.114	30.562
Minas Gerais	204.822	204.471	204.394	214.444	173.993
Rio de Janeiro	264.564	250.542	244.084	244.088	194.598
São Paulo	616.058	623.732	625.097	647.073	510.416
Sul	330.371	335.080	338.658	347.012	275.178
Paraná	122.538	124.497	126.199	130.420	104.054
Rio Grande do Sul	116.633	117.206	116.710	119.223	90.068
Santa Catarina	91.200	93.377	95.749	97.369	81.056
Centro-Oeste	171.083	172.177	176.299	174.631	142.936
Distrito Federal	56.015	55.962	55.461	54.981	41.894
Goiás	61.961	63.420	55.461	64.406	53.603
Mato Grosso	28.247	28.106	31.381	30.304	26.400
Mato Grosso do Sul	24.860	24.689	24.436	24.940	21.039

Fonte: Relação Anual de Informações Sociais – RAIS

Na região Nordeste, o estado da Bahia é o que possui as maiores quantidades de emprego no turismo, seguido Pernambuco e Ceará. Na quarta posição tem-se o Rio Grande do Norte e nas últimas, Alagoas, Maranhão, Paraíba, Piauí e Sergipe, do período de 2016 a 2019. No entanto, para 2020, as reduções são sensíveis para todas as unidades de federação do Nordeste: na região, foram 64.546 postos de trabalho a menos. Por unidade de federação, os impactos foram mais fortes na Bahia, Pernambuco e Rio Grande do Norte.

Nos estados do Sudeste do País congregam-se as maiores quantidades de postos de trabalho formal no turismo. São Paulo, por exemplo supera 647.000 ocupações em 2019. Rio de Janeiro e Espírito Santo, por sua vez, ficam em níveis mais aproximados e as menores ofertas são do Espírito Santo.

A região Sul, formada por Paraná, Rio Grande do Sul e Santa Catarina, tem nos dois primeiros anos, um volume de oferta de igual modo aproximado (entre 116.000 e 130.000) e o último com as menores quantidades de ocupação. De igual modo, os decréscimos são sentidos para o ano de 2020, com 71.834 postos formais a menos.

No Centro-Oeste do Brasil, Distrito Federal e Goiás são os estados com as maiores ocupações no segmento do turismo. Mato Grosso e Mato Grosso do Sul têm nas suas ofertas de emprego formal, níveis iguais para o período de 2016 a 2019. Para 2020, o decréscimo tido no setor foi de 268.305 postos a menos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa teve como objetivo apresentar um panorama das ocupações formais na economia do turismo para o período de 2016 a 2020. Para estabelecer resposta ao objetivo proposto, utiliza-se a fonte de dados processados no Anuário Estatístico de Turismo, do Ministério do Turismo. São informações referentes ao período de 2016 a 2020, considerando as ocupações formais na economia do turismo do Brasil, por atividade característica do turismo (ACT); ocupações formais na economia do turismo do Brasil por escolaridade, grupo de idade, horas trabalhadas e remuneração e ocupações formais na economia do turismo segundo Grandes Regiões e Unidades da Federação.

Durante a pesquisa se trabalhou para prover resposta ao problema que consistiu em identificar o panorama tido relativo às ocupações formais na economia do turismo no Brasil, no período 2016 a 2020?

Nesse sentido, fazer a investigação mostrou-se importante, na medida em que o período de 2016 a 2020, na linha do tempo, antecede a crise tida na saúde que se deu em escala local, regional e mundial, em 2020. Assim, identificou-se que na segmentação turística importa o nível de qualificação/instrução, pois as maiores oportunidades formais no período estudado residiam na escolaridade com ensino médio completo e superior incompleto. Identificou-se ainda que acima dos cinquenta anos de idade, reduzem-se os níveis de oferta de trabalho neste setor, quando comparado às idades mais jovens.

As horas de trabalho por semana acima de 41 horas laborais, condensam um volume elevado de ocupações. As ocupações que remuneram até dois salários mínimos concentram um arsenal de trabalhadores com relação inversa: maiores salários empregos menos trabalhadores. Por atividades, os subsetores de alimentação e alojamento são os que ofertam as maiores quantidades de oportunidades, seguidos dos transportes terrestres.

Por fim, identificou-se a importância da atividade econômica do turismo por estados no Brasil e notou-se que na região Norte, o Pará é líder nas ocupações formais, seguido pelo Amazonas e Rondônia, com os demais nas últimas posições. No Nordeste, Bahia, Pernambuco e Ceará possuem a liderança, seguidos dos demais. O Sudeste do País, tem São Paulo como líder, mantendo distancia em números significativos, com Rio de Janeiro e Minas Gerais em sequência. Na região Sul, Paraná e Rio Grande do Sul possuem as maiores quantidades de ocupações, sendo acompanhados com escalas menores, pelo Espírito Santo. No Centro-Oeste, Goiás possui a liderança, ligeiramente acompanhado por Brasília e os dois últimos estados.

Percebendo-se a dinâmica obtida por meio deste segmento da economia em todo o país, para trabalhos futuros pode-se investigar quais seriam as motivações econômicas para as quantidades tidas nas ocupações formais do turismo nas unidades de federação do Brasil.

REFERÊNCIAS

Anuário Estatístico de Turismo. Ministério do Turismo. Volume 48 - Ano Base 2020 - 2ª Edição, 2021.

BERNARDO, L.V.M. & Farinha, M.J.U.S. **Análise do emprego turístico de Mato Grosso do Sul com o uso de medidas locacionais - 2006 a 2013.** *Interações* (Campo Grande), v. 20, n. 3. 2019

BRASILEIRO, M.D.S. (2012). *Desenvolvimento e turismo: para além do paradigma econômico.* In: Medina, JCC., & Coriolano, LN., (2012). *Desenvolvimento e turismo: para além do paradigma econômico.* orgs. Turismo, cultura e desenvolvimento. Campina Grande: EDUEPB, 2012. pp. 75-98. ISBN 978-85-7879-194-0.

BURSZTYN, I., BARTHOLO, R., & DELAMARO, M. (2009). *Turismo para quem? Sobre caminhos de desenvolvimento e alternativas para o turismo no Brasil.* In R. BARTHOLO, D. G. SANSOLO & I. BURSZTYN (Orgs.), *Turismo de base comunitária: diversidade de olhares e experiências brasileiras.* Rio de Janeiro: Letra e Imagem.

CASIMIRO FILHO, F. **Contribuições do Turismo à Economia Brasileira,** Tese de Doutorado, USP, 2002.

COOPER, C; FLETCHER, J; WANHILL, S. GILBERT, D & SHEPHERD, R. **Turismo: princípios e prática.** 2ª ed. Porto Alegre: Bookman, 2003.

FACHIN, O. (2006). **Fundamentos de metodologia.** São Paulo: Saraiva, 2006.

KIRSCHBAUM, C. *Decisões entre pesquisas quali e quanti sob a perspectiva de mecanismos causais.* RBCS Vol. 28 n° 82 junho, 2013.

MEZZAROBA, O.; MONTEIRO, C. **Manual de metodologia da pesquisa no direito.** 5ª edição. São Paulo, Saraiva, 2009.

NELSON, S.P; PEREIRA, E.M. **Ecoturismo: práticas para turismo sustentável.** Manaus, Editora Valer, Uninorte, 2004.

OLIVEIRA, Josilene Ribeiro. Circulação de dons, trabalho e renda do turismo na comunidade rural Chã de Jardim, na Paraíba. *Revista de Economia e Sociologia Rural*, v. 58, n. 4, 2020.

PETROCCHI, M. (1998). *Turismo: Planejamento e gestão*. São Paulo, Futura.

ROCHA, M. L. Pesquisa-Intervenção e a Produção de Novas Análises. *Psicologia Ciência e Profissão*, 23 (4), 64-73, 2003.

RUSCHMANN, D.V. M. *Turismo e planejamento sustentável: a proteção do meio ambiente*. Campinas, São Paulo: Papirus, 1997.

SILVINO, M.; FURTADO, E.M. (2017). **Ilha de Santana em Caicó/RN a relação entre políticas públicas de Turismo e a valorização do espaço**. In: *As várias faces do turismo* / Andrea de Albuquerque Vianna, Mabel Simone Guardia (Organizadoras). – Natal, RN : EDUFRN, 2017.

TAKASAGO, M. E Mollo, M. L. R. Economia do Turismo e Combate à Pobreza no Brasil: potencialidades e o papel do governo na redução de desigualdades, *Turismo em Análise*, vol. 19, n. 2, julho, 2008.

TAKASAGO, M.; GUILHOTO, J.J.M.; MOLHO, M.M.R.; ANDRADE, J.P. **O potencial criador de emprego e renda do turismo no Brasil**. MPRA Paper No. 30693, 2011.

VIANA, A.A; ALVES, J.; GUARDIA, M.; & CRUZ, M.V.F. **A Educação como salvaguarda para o Turismo e o patrimônio**. In: *As várias faces do turismo* [recurso eletrônico] / Andrea de Albuquerque Vianna, Mabel Simone Guardia (Organizadoras). – Natal, RN; EDUFRN, 2017.